

Revista Filosófica de Coimbra

vol.12 | n.º24 | 2003

Miguel Baptista Pereira
Amândio Coxito
Mário Santiago de Carvalho
Marie-Louise Mallet
Luis Arenas
José Reis
Luiz Alberto Cerqueira

RECENSÕES

PATAR, Benoit, *Dictionnaire Abrégé des Philosophes Médiévaux*. Québec: Les Presses Philosophiques 2000, 501 pp.

Destinado a dar a conhecer «ao grande público cultivado» o saber filosófico «de um dos mais brilhantes períodos da história da humanidade» (p. 9) o presente instrumento de trabalho da autoria de B.Patar (paleógrafo e codicólogo belga residente no Canadá, particularmente conhecido pelos seus trabalhos sobre Oresme, Alberto de Saxónia ou Buridano) vem colmatar, como se costuma dizer, uma flagrante lacuna. Não se trata, pela nossa parte, de repetir um péssimo lugar-comum retórico: o leitor encontra-se *de facto* perante um oportuno, manuseável, rico e utilíssimo instrumento dividido em cinco secções (filósofos medievais, sábios medievais, autores da Antiguidade tardia, tradutores medievais e alguns autores espirituais e literários) a que agrega os seguintes anexos: lista de papas medievais (sécs. IV-XV), dos reis de França e da Inglaterra, dos Imperadores alemães, dos concílios ecuménicos, vocabulário ideológico e técnico, tábuas onomásticas e bibliografia (mas não há razão para omitir o *Lexikon des Mittelalters*). É claro que a obra padece de um indesculpável europeocentrismo (como é patente pelo referido triângulo geográfico dos anexos e sobretudo pela bibliografia citada), mas a tendência é felizmente ultrapassada pela qualidade das mais de 360 entradas, bastante bem informadas, com todos os títulos latinos traduzidos, e que têm a rara virtude de se lerem, na maior parte dos casos, como se de um dicionário se não tratasse, graças ao estilo tão *sui generis* do A. Ele não se coíbe, nalguns casos, em omitir opiniões valorativas muito pessoais, por vezes com humor e reconhecida ironia. Sobre cada autor de todas as cinco secções, o leitor terá, em princípio, informação não só sobre aspectos nucleares do seu pensar, como também a indicação da obra feita, nomeadamente das edições e traduções existentes (infelizmente centradas no francês e no inglês, o que o leva, v.g., a omitir a notável tradução portuguesa da obra sermoneira patavina por H. P. Rema, embora se mencionem versões em castelhano e em polaco). Para facilitar a consulta deste utilíssimo volume, aconselha-se a constante remissão para a exaustiva Tábua Onomástica dos autores citados (pp. 487-97) em vez, e como por regra sucede nos dicionários, da referência alfabética (posto que há casos de autores que esperaríamos encontrar numa secção e aparecem-nos noutra (Grosseteste é tratado em duas secções), mas sobre isto B.P. justificou-se de maneira quase convincente (p. 13). Enfim, estamos perante um excelente instrumento de trabalho para todo aquele que se inicia no campo da filosofia medieval *occidental* redigida por alguém que tem sobre grandes capítulos do período filosófico em causa (lógica, antropologia, metafísica, epistemologia e ética) uma corajosa visão assaz pessoal e iconoclasta que vale a pena reproduzir (p. 11): «Dans le domaine de la logique, les médiévaux témoignent d'une invention et d'une audace qu'oublieront singulièrement les siècles ultérieurs. En anthropologie, l'approche d'un

Thomas d'Aquin ou d'un Buridan transcende infiniment celle, relativement pusillanime, d'un Descartes ou d'un Kant. En métaphysique, les conceptions d'un Duns Scot, d'un Gersonide, voire d'un Jean Scot Ériugène n'ont rien à envier à celles d'un Heidegger ou d'un Sartre. En épistémologie, les idées neuves d'un Ockham, d'un Crathorn, d'un Abélard rivalisent aisément avec celles de Husserl et des phénoménologistes. En éthique un Bradwardine, un Buridan, un Thomas d'Aquin, un Nicolas de Cuse ne doivent rien à leurs successeurs contemporains (Rawles, Gauthier, Novak). Il est évidente que o nosso sublinhado anterior se impõe, tanto mais que, v.g., no *Dictionnaire des Philosophes* de D. Huysman (Paris 1993, 2ª ed.), o mesmo sucedendo na conhecida *Enciclopedia Filosófica Universal* da P.U.F., já se registam entradas sobre o período medieval (budismo, confucionismo ou jainismo) que felizmente extravasam as habitualmente limitadas fronteiras geográfico-culturais da latinidade sobretudo. Sobre este ponto, também vale a pena ter presente o que se vem dizendo ou já se disse sobre as várias idades médias (Marron, Escó, Liberia, Mattoso etc.). Mas não era exigível tudo a um só autor. A elegância com que as entradas foram escritas, evitando a monotonia de um dicionário, a erudição patenteada, a suficientemente atualizada informação bibliográfica (como se disse, invariavelmente dividida em obras originais e traduzidas e em textos secundários) levam-nos a recomendar a consulta da obra, mesmo aos especialistas, e a desejar a sua versão em português (embora a ser feita sob a direção científica de um estudioso para evitar os habituais e irritantes erros de tradução, vulgaríssimos entre nós e no Brasil, mormente no sector da onomástica: vd. o nosso *Roteiro Temático-Bibliográfico de Filosofia Medieval* (Lisboa 1997) 43). É claro que há grafias desnecessárias, sendo a mais frequente a irritante grafia "Rijk" em vez de "Rijk" (p. 20 e *passim*). Há também omissões contestáveis (Celso, Orósio, Martinho de Braga, André de São Victor, Tomás Gallus, João de Sevilha, Hugo Ripelino, Albérico de Reims, Álvaro Pais (vd. os nossos *Estudos* sobre o autor, Lisboa: INCM 2001), um certo Farragut (p. 278), Gregório Palamas, Nicéforo Gregoras, Afonso Dinis de Lisboa (sobre este vd. o nosso estudo in *Humanística e Teologia* 20, 1999 e sobretudo os mais recentes estudos de C. Steel e M. Geoffroy in *Averroès, La Béatitude de l'âme*, Paris 2001), Gomes de Lisboa ou André do Prado (vd. o vol. 1 de *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa 1999), etc. De igual modo se notam inclusões arqueológicas (caso do artigo «double vérité», p. 475) e induções erradas ao leitor por falta de informação (p. 294 e 295: Paravicini); ou alguns poucos erros (atribuição do local de nascimento, v.g., p. 195). Seja como for, quaisquer deficiências, corrigíveis em futuras edições, são justificadamente superadas pelo valor intrínseco do trabalho de B.P cuja erudição e notável informação só podemos louvar. O leitor deve, enfim, preparar-se para ser surpreendido, muitas vezes além da própria filosofia (leia-se o artigo «mathématiciens arabes et persans», p. 300), saber, v.g., quem inventou o *forceps* ginecológico (p. 265); que a precisão no cálculo do ano solar ou a proposta heliocêntrica remontam ao século X (p. 267 e 268); a descoberta do valor anestésico do ópio (p. 278); a utilização da *camera obscura* por Alhazen (p. 290); etc. Para terminar, apraz-nos referir que o Dicionário mostra conhecer alguns (poucos) trabalhos de estudiosos portugueses, tais como J. M. da C. Pontes, Mª. Cândida Pacheco, Mª S. Ganho, J. Ferreira, J. F. Meirinhos e uma edição do signatário.

Mário Santiago de Carvalho